

Eça de Queirós,

*Textos de Imprensa IV*

Helena Carvalhão Buescu

Continuando a dar seqüência à publicação da edição crítica da obra queirosiana, surge hoje mais um volume de textos de imprensa de Eça de Queirós. Há alguns anos foi editado, sob coordenação geral de Carlos Reis, mentor do projecto, e responsabilidade imediata de Helena Santana, o conjunto de textos que Eça fez sair na *Revista de Portugal*. Hoje, surge-nos, e da responsabilidade de Elza Miné e Neuma Cavalcante, a edição dos textos de imprensa que Eça endereçou à *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro: Elza Miné, de quem conhecemos o continuado e intenso labor em torno de Eça de Queirós jornalista (título precisamente de um dos seus vários contributos fundamentais na matéria); Neuma Cavalcante, cujas pesquisas em crítica genética, em particular em torno da obra de Guimarães Rosa, se constituem em procedimento reflexivo também ele criticamente filtrado e experimentado.

Deixem-me começar por apontar o quanto me parece apropriada a formulação “textos de imprensa” para aquilo a que também poderemos chamar crónica queirosiana – porque tal formulação acolhe um carácter voluntariamente indeterminado, que permite à classificação aparentemente funcional (“de imprensa”) abranger possibilidades genológicas e estéticas que classificações alternativas poderiam afastar ou, pelo menos, pôr em dúvida.

Assim, cabe em última análise ao leitor, e justamente nessa precisa qualidade, interrogar-se sobre os *modos de ler* estes textos: o seu acolhimento enquanto “apenas” textos de imprensa, nesta edição crítica, e a sua inserção neste conjunto permitem então que esses modos de ler os tomem

na sua versão por assim dizer circunscrita e circunstancial, por um lado, sublinhando o carácter episódico e de algum modo efémero que a dimensão do gesto jornalístico acaba por tornar simbólica para a modernidade; mas também, e por outro lado, permitem que tais modos de ler não excluam raízes e ecos de procedimentos, temas e mecanismos que reencontramos sempre, com prazer renovado, no Eça mais imediatamente ficcionista.

A reunião destes textos, tal como aqui é proposta (e brevemente a descreverei), permite desde logo a percepção de uma forma de imaginação composicional fundadora para a família de escritores a que Eça pertence: trata-se do labor de *reescrita*, através do qual vários dos 58 textos publicados em 116 números da *Gazeta* sofrerão, a partir da versão pela qual surgem no jornal, aquilo que no prefácio é designado por “transmutação”, dando pois azo a uma mais complexa leitura do labor oficial queirosiano. Ora, se tal percepção é interessante e significativa no caso de qualquer escritor (e se entre nós ainda há quem não esteja suficientemente alerta para isso, talvez seja pelo facto de continuarem infelizmente a ser escassas as edições críticas que, como a presente, o permitem), ela torna-se de consideração fundadora para Eça, cuja imaginação efabulatória se combina com um complexíssimo conjunto de procedimentos de reescrita que importa conhecer e estudar. A publicação desta matéria textual é, deste ponto de vista, um passo precioso (para utilizar um expresivo adjectivo queirosiano), como aliás fica claro em algumas das implicações analisadas por Elza Miné.

Trata-se também, ainda, de poder equacionar uma forma específica daquilo a que poderíamos chamar o “jornalismo queirosiano” – porque nos encontramos perante a sua “modalidade brasileira”, por assim dizer – e porque a especificidade do seu público inúmeras vezes se manifesta na qualidade do endereçamento que a crónica apresenta.

Se a crónica, enquanto subgénero, incorpora à sua mesma natureza o “chamar sempre alguém” que afinal qualquer texto também sustenta, a crónica queirosiana *determina* esse alguém na sua própria concretude e recorta-o, enquanto figura, na própria matéria do texto. Este grau de personalidade torna-a, a meu ver, na forma íntima de *conversação* a que o próprio Eça de Queirós aludia, ao pensar sobre o que a crónica poderia ser.

Por isso mesmo, este volume de “textos de imprensa” é um volume que (e desculpem-me o argumento *pro domo*), do ponto de vista comparatista,

me é particularmente caro: nele encontramos um autor português *deslocado* do “seu” Portugal em outras paragens europeias (França, Inglaterra), e dirigindo-se a um Brasil que, desconhecido, afinal conhece. E esse público brasileiro, mesmo se tão longínquo, molda entretanto, e de modos muito diferenciados, os temas e procedimentos que Eça selecciona para a sua matéria.

Tudo isto se pode tornar ainda mais evidente devido a um dos critérios usados para a presente edição: a reunião integral e conjunta dos textos elaborados por Eça com vista à publicação no jornal carioca *Gazeta de Notícias* – o que equivale a integrar, como critério avaliativo, aquilo que usualmente é considerado apenas como um “meio” transparente – e a ver nele o nascimento de filtros significativos, cujo efeito de leitura transvaza para dentro da própria matéria textual.

Um outro elemento sem dúvida significativo no conjunto de textos aqui reunidos resulta do carácter *prolongado* de tal conversação. Se tomada no quadro da obra queirosiana, a intervenção jornalística de Eça, nas suas diversas modalidades, não pode deixar de ser considerada como bem mais importante do que lateral e episódica – Eça é “jornalista” a vida inteira, afinal, e nos seus textos de imprensa encontramos com frequência a matriz do que dele conhecemos enquanto ficcionista. Mas, se tomada no conjunto dos textos de imprensa, a colaboração queirosiana para a *Gazeta de Notícias* importa ainda pelo carácter prolongado que assume, ocupando praticamente os últimos 20 anos de vida do escritor, isto é, entre 1880 e 1897. Naturalmente, tal colaboração não podia deixar, no contexto, de ser intermitente – o que significa que os períodos de pausa e silêncio alternam com aqueles em que, com regularidade mensal, Eça envia as suas crónicas para publicação no jornal. Mas é também o carácter simultaneamente prolongado e intermitente de tal conversação que aqui me interessa sublinhar, entendendo-o como “sinal” das relações que duram – as que sabiamente gerem os “tempos” (musicais) de alternância entre a voz e o silêncio (que será, então, uma outra forma de voz).

Dos textos aqui reunidos, e para a leitura do texto queirosiano, fica sobretudo o convite de uma imensa *curiosidade* (*Notas de um curioso* é aliás, e como lembra Elza Miné, o título de uma das secções que, no jornal, acolhe os textos de Eça) – curiosidade plasmada na contínua diversidade de

temas e seu grau de amplitude, observações e registos judicativos e comentativos – como diz Elza Miné (p. 16): “factos políticos e do quotidiano, acontecimentos e questões de política nacional e internacional, retratos de personalidades, anedotas espraçadas, tudo se vê drenado e seleccionado com a liberdade que ainda hoje marca o trabalho do cronista e que, no caso de Eça e da *Gazeta*, era irrestrita”. Partilhando dessa imensa curiosidade queirosiana, partilhamos de um mundo que, em ficção e nos textos de imprensa, se deixa sempre empolgar pelo interesse do quotidiano e do alcance simbólico que este pode ter – forma de realismo a meu ver bem mais funda do que o conceito restrito usualmente recobre.

É essa mesma “irrestrição” que o leitor da *Gazeta*, contemporâneo de Eça, pôde ir seguindo – e que hoje, através de uma cuidadosa e criteriosa edição, nos é facultado através de um labor crítico que não esconde, e ainda bem, os laços de afecto que unem os vários estudiosos e sobretudo leitores de Eça de Queirós. Por isso mesmo, creio que todos devemos a Carlos Reis, Elza Miné e Neuma Cavalcante a gratidão que fica de sabermos que poderemos, a partir de agora, e de forma cada vez menos precária, ler em Portugal o que Eça escreveu, na Europa, para enviar ao Brasil: estes são, também, os laços queirosianos.

*Biblioteca Nacional, 11 de Julho de 2002.*